

BIBLIOTHECA THEATRAL

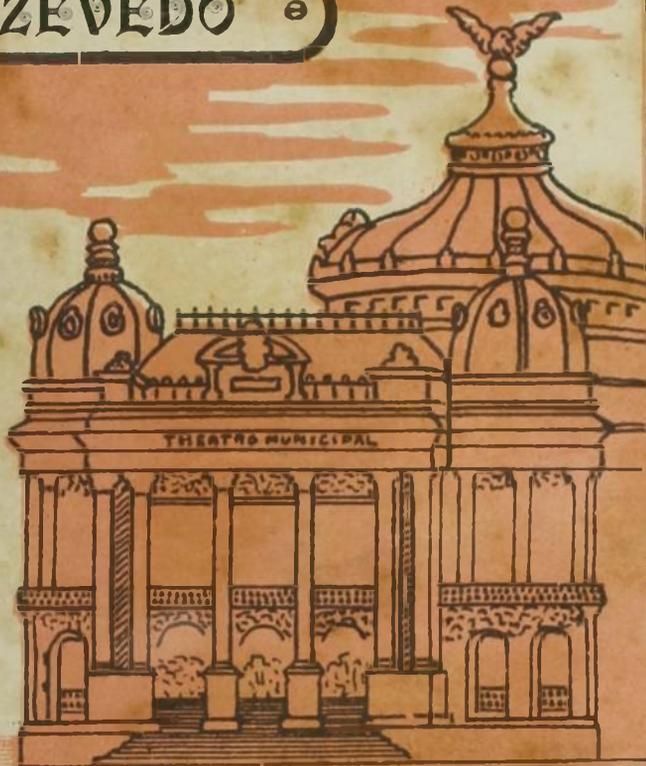
• ARTHUR AZEVEDO •

O
ORACULO

COMEDIA

em

1 ACTO



LIVRARIA LUSO-BRASILEIRA

DE

M. PIEDADE & C^A EDITORES

RUA DA ASSEMBLEA N^o 46 ÷ RIO DE JANEIRO

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

10

© ORACULO

COMEDIA EM 1 ACTO

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro.
no theatro Recreio Dramatico, pela
COMPANHIA DIAS BRAGA
em 2 de Abril de 1907.

λ

Peças originaes de Arthur Azevedo

- A almanjarra, com. em 2 actos.
Amor por annexins, com. em 1 acto.
O anjo da vingança, dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.
O Badejo, com. em 3 actos, em verso.
O Barão de Pituassu, com.-op. em 4 actos.
O Bilontra, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.
A Capital Federal, burleta em 3 actos.
O Carioca, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.
Comeu !—rev. em 4 actos.
Casa de Orates, com. em 3 actos, com Aluizio Azevedo.
O Dote, com. em 3 actos.
A Donzella Theodora, opereta em 3 actos.
E mettam-se ! com. em 1 acto.
Entre o vermouthe e a sopa, com. em 1 acto.
O escravocata, dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.
A Fantasia, rev. em 3 actos.
A Fonte Castalia, fau. comica em 3 actos.
Fritzmac, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.
Gavroche, rev. em 3 actos.
Guanabarina, rev. em 3 actos, com Gastão Bousquet.
O Homem, rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.
O Jagunço, rev. em 3 actos.
Joanico, opereta em 1 acto.
A Joia, com. em 2 actos, em verso.
Kellar e Fagundes, entre-acto comico.
O Liberato, com. em 1 acto.
O Major, rev. em 1 prologo e 3 actos.
O Mambembe, burleta em 3 actos, com José Piza.
O Mandarim, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.
A Mascote na roça, com. em 1 acto.
Mercurio, rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.
Uma noite em claro, com. em 1 acto.
Os noivos, opereta em 3 actos.
O Oraculo, com. em 1 acto.
A pelle de lobo, com. em 1 acto.
A princeza dos Cajueiros, opereta em 3 actos.
Pum ! burleta em 3 actos e 6 quadros, com Eduardo Garrido.
Republica, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.
O retrato a oleo, com. em 3 actos.
O Rio de Janeiro em 1877, rev. em 1 prologo e 3 actos, com Lino de Assumpção.
O Tribofe, rev. em 3 actos.
Uma consulta, com. em 1 acto.
Uma vespera de Reis na Bahia, com. op. em 1 acto.
A viuva Clarck, burleta em 3 actos.
Viagem ao Parnaso, rev. em 3 actos.

A'

EDUARDO VICTORINO

QUE ME FEZ ESCREVER

ESTA COMEDIASINHA.

A. A.

C. ORACULO

1845

THE HISTORY OF THE

THE HISTORY OF THE

O ORACULO

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

ARTHUR AZEVEDO

DA

ACADEMIA BRAZILEIRA



LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

➤ M. PIEDADE & COMP. — (Editores) ➤

46, Rua da Assembléa, 46

RIO DE JANEIRO

1907

Personagens



HELENA, viuva	D. Guilhermina Rocha
NELSON, advogado	Sr Antonio Ramos
FREDERICO PONTES, solteirão .	Sr. Alfredo Silva
JOSE', creado de Nelson	Sr. Ernesto Portulez

A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro. Actualidade.

ACTO UNICO

Sala e ao mesmo tempo consultorio do Dr. Nelson. Porta ao fundo. Duas janellas á esquerda e duas portas á direita. Estantes de livros, consolos, etc. A' direita, perto da porta do 1º plano, meza carregada de livros, papeis, penna, tympano, tinteiro, uma caixa de charutos, etc. Perto da meza, quasi ao centro, uma poltrona.

SCENA I

OSÉ

Ao levantar o panno, José está refestelado na poltrona com um espanador na mão, a saborear um charuto. — Digam lá o que disserem : não ha vida melhor que a de creado de um advogado rico e sem causas. Passo os dias n'uma beatitude invejavel, sem ter absolutamente o que fazer, comendo e bebendo do melhor, e fumando magnificos charutos ! O amo nunca está em casa, e eu faço de conta que tudo isto é nosso. Permitta Deus que tão cedo não acabem os seus amores com a tal viuva das Lorangeiras. Em quanto aquillo durar, durará tambem a minha beatitude. E porque não ha de durar ? A viuva é bonita a

valer, e não deve custar grandes sacrificios por ser senhora abonada. (*Signal de dinheiro.*) E' ex-quisito que não se casem. . . ella viuva . elle solteiro . Mas Deus me livre de se lembrarem disso. Entrando uma mulher n'esta casa, adeus beatitude! (*Toque de campainha. José levanta-se.*) Quem será? Algum cliente? Duvido! seria o mesmo que apparecer uma violeta em Dezembro. (*Indo espiar pelo buraco da fechadura da porta do fundo.*) Mas não me engano, é ella é a viuva das Lorangeiras! Ora esta! é a primeira vez que aqui vem! Dar-se-á caso que. . . (*Novo toque de campainha.*) Lá vou! lá vou! (*Abre a porta. Entra Helena elegantemente vestida. Toilette clara.*)

SCENA II

JOSE', HELENA

JOSE', *inclinando-se diante de Helena.*
Minha senhora.

HELENA

Bôa tarde. (*Procura alguém com os olhos.*)

JOSE'

Elle não está em casa, minha senhora.

HELENA

Demora-se?

JOSE'

Não sei, porque não tem horas certas.

HELENA, *encarando-o.*

Conhece-me ?

JOSÉ

Pois não, minha senhora. Mais de uma vez tive a honra de ir á casa de V. Ex., a mandado do s'or doutor.

HELENA

Sim . . . é verdade . . .

JOSÉ

E, quando assim não fosse, bastava todos os dias ver o retrato de V. Ex. á cabeceira do leito do s'or doutor. . . (*Apontando para a porta da direita 1.º plano.*) alli n'aquelle quarto.

HELENA

O meu retrato ?

JOSÉ

Está parecidissimo. Só lhe falta falar.

HELENA

Elle sahiu ha muito tempo ?

JOSÉ

Logo depois do almoço.

HELENA

Tem estado doente ?

JOSÉ

Não, minha senhora ; está de perfeita saúde.

HELENA, *arreatadamente.*

Então porque ha quatro dias não me apparece ?

JOSÉ

Não sei, minha senhora.

HELENA

Está visto . . . não póde saber . . . não é da sua conta . . . Mas como estou nervosa e agitada !

JOSÉ, *offerecendo-lhe a poltrona.*

Porque não se senta, minha senhora ? (*Helena senta-se.*) V. Ex. quer que lhe vá buscar um copo d'agua com um pouco de assucar e uma gota de agua de flor de laranja ?

HELENA

Para que ?

JOSÉ

Como V. Ex. disse que estava nervosa . . .

HELENA

Pois sim, aceito. (*José inclina-se e sae. Helena ergue-se e percorre a scena.*) Não ha que ver : está farto de mim ! Desfez-se o encanto ! tudo acabou. Já o esperava : ha muitos mezes noto a mudança do seu enthusiasmo de outr'ora. Melhor seria que nos houvessemos casado. E dizer que foi eu que não o quiz ! Dei-me tão mal com o casamento, que não me sorriu experimental-o de novo. Era bem independente para não me importar com o que dissessem. (*Senta-se e ergue-se logo em seguida, cada vez mais agitada.*) Mas não ! é impossivel que Nelson seja ingrato . Ha tres annos pertenco-lhe, e nunca tive outro amor, nunca pensei n'outro homem. (*José volta,*

trazendo um copo d'agua n'uma salva de prata que apresenta a Helena. Ella bebe alguns goles.) Obrigada. (*José vae collocar a salva com o copo sobre um consolo.)* Diga-me, José. (*Elle aproxima-se.)* Chama-se José, não é assim?

JOSÉ

José Tralhota para servir a V. Ex.

HELENA

Diga-me. (*Arrependendo-se.)* Não, não me diga nada! (*Aparte.)* Que ia eu fazer? Um criado!

JOSÉ

V. Ex. póde confiar cegamente em mim. Ha dous annos estou ao serviço do s'or doutor Nelson e elle aprecia muito a minha discreção.

HELENA

Não; não seria correcto interrogal-o. Não quero que o seu amo possa accusar-me da mais leve incorrecção.

JOSÉ

Sou um simples creado de servir, mas... possuo alguma penetração.

HELENA

Que tenho eu com isso?

JOSÉ

Julgo ser agradavel a V. Ex. afiançando-lhe que nada observei nesta casa que pudesse causar a V. Ex. a menor inquietação.

HELENA

Bom.

JOSÉ

Entretanto, se V. Ex, quizer, observarei d'aqui em diante ainda com mais cuidado, e communicarei a V. Ex

HELENA

Cale-se! Por quem me toma? Espial-o? Nunca! (*Toque de campainha; sobresaltada.*) Será elle?

JOSÉ

Não, minha senhora. O toque de campainha do s'or doutor é mais energico, mais de dono da casa.

HELENA

Então algum cliente?

JOSÉ.

Seria um phenomeno, mas. . . quem sabe? Tudo acontece. Não fizeram a Avenida? (*Indo ver pelo buraco da fechadura.*) Não, senhora, não é um phenomeno (*Descendo.*) E' um cavalheiro do meu conhecimento que nunca vi cá em casa: o commendador Frederico Pontes.

HELENA

Frederico Pontes? Não quero que me veja! E' um velho amigo de minha familia.

JOSÉ, *indo abrir a porta do quarto.
da direita.*

Queira V. Ex. entrar para cá emquanto o despacho.

HELENA, *hesitando*
No quarto delle . . ?

JOSÉ, *quasi malicioso.*
Que tem isso ? V. Ex. já lá está em photographia. O original não será de mais.

HELENA, *ao entrar.*
Se elle apparecer, não lhe diga que estou no seu quarto.

JOSÉ
Sim, minha senhora.

HELENA
Quero causar-lhe uma surpresa.

JOSÉ
E muito agradavel. (*Helena sae.*) Parece-me que a agua de flor de laranja lhe fez bem. (*Novo toque de campainha.*) Lá vou ! lá vou ! (*Vae abrir a porta do fundo.*)

SCENA III

JOSE', FREDERICO

JOSÉ, *inclinando-se.*
Queira entrar, s'or commendador Frederico Pontes. (*Entra Frederico. Homem quasi septuagenario, bem conservado e elegante. Cabellos brancos. Monoculo. Polainas. Veste um fato claro da ultima moda, um pouco improprio, talvez, da sua idade. Traz um pacote na mão.*)

FREDERICO.

Então você conhece-me ?

JOSÉ

Se o conheço ! Olhe bem para mim, s'or commendador : sou o José, o José Tralhota, que V. Ex. trouxe de Lisbôa.

FREDERICO, *asestando o monoculo.*

Ah ! sim... o meu creado de quarto do Hotel Central. Eras tão esperto, tão vivo, tão intelligente, que resolvi trazer-te commigo quando sahi de Lisbôa... Chegando, porém, ao Rio de Janeiro, arrependi-me, e puz-te no olho da rua. (*Senta-se na poltrona.*)

JOSÉ

Ainda estou por saber o motivo dessa desgraça.

FREDERICO

Convenci-me de que tinhas espirito de mais para um simples creado... Os Scapins e Frontins só me agradam na Comédie ou no Odéon. Fóra d'ali acho-os detestaveis. Entretanto, ao sahires de minha casa, poderias aspirar a coisa melhor... Porque não te arranjaste no commercio ?

JOSÉ

Não sou ambicioso... Agrada-me esta situação... considero-me collocado melhor que o meu amo.

FREDERICO

E's philosopho... e mandrião.

JOSÉ

Mais mandrião que philosopho.

FREDERICO

Estás então ao serviço do Dr. Nelson ?

JOSÉ

Sim, senhor, e affianço-lhe que o Dr. Nelson está satisfeito.

FREDERICO

Se elle fosse tão espirituoso como tu, não te poderia aturar.

JOSÉ

Nem eu o aturaria.

FREDERICO

Elle fuma charutos tão bons como os que eu fumava ?

JOSÉ

Os charutos que elle fuma não se comparam com os de V. Ex. Os de V. Ex. eram bahianos; os d'elle são de Havana.

FREDERICO

Tanto melhor para ti. Eu gosto dos meus, e não quero de outros. (*Mostrando o pacote.*) Ainda agora aqui trago provisão para um mez. (*Erguendo se.*) Vae pôr isto sobre um movel qualquer. (*José colloca o pacote sobre um consolo.*) Pelo que vejo, teu amo não está em casa ?

JOSÉ

Não senhor.

FREDERICO

Se é bem creado não deve tardar. Escreveu-me, pedindo-me que desse um pulo até cá quando viesse á cidade, porque desejava fazer-me uma consulta.

JOSÉ

Logo vi que V. Ex. vinha para ser consultado. Para consultar ainda está para ser o primeiro que aqui venha.

FREDERICO

Respondi-lhe dizendo que hoje ás duas horas o procuraria. (*Consultando o relógio.*) Já são duas e cinco.

SCENA IV

OS MESMOS, NELSON. depois HELENA, escondida.

NELSON, *entrando do fundo.*

O seu relógio está cinco minutos adiantado, commendador. O meu está certo pelo balão.

HELENA, (*entreabrindo a porta, aparte*)

E' a sua voz! é elle!...

FREDERICO

Mais minuto, menos minuto não quer dizer nada. (*Depois de apertar a mão a Nelson.*) Estou ao seu dispor.

NELSON, *a José.*

Vá lá para dentro. (*José sae D., olhando*

para a porta do quarto onde Helena está escondida; leva a salva e o copo.) Desculpe-me tel-o incommodado, mas o senhor mora tão longe, na Gavea... para lá ir é preciso perder um dia inteiro... por isso pedi-lhe que quando viesse á cidade...

FREDERICO

Fez muito bem, não tem de que se desculpar. Sou um solteirão ocioso. Vivo dos rendimentos que escaparam á minha mocidade tempestuosa, e tornei-me um contemplativo, sem outra occupação que não seja fumar e ler Balzac.

NELSON, *offerecendo-lhe uma cadeira perto da mesa.*

E' o seu auctor favorito ?

FREDERICO

O favorito não, o unico: Balzac é sufficiente para a existencia de um leitor. Na sua obra estão compendiados, não só toda a sociedade moderna como todo o genero humano. Tenho relido aquelles cem volumes não sei quantas vezes. Sempre que chego ao ultimo, sinto saudades do primeiro, e atiro-me a elle com curiosidade e soffreguidão. Bastaram a Balzac vinte annos para escrever tudo aquillo; aos simples mortaes como nós, meu caro Nelson, são necessarios cinquenta para ler aquillo tudo. Mas vamos lá, que deseja de mim ? (*Sentam-se, devendo Nelson ficar o mais perto possivel de Helena, que continuá escondida.*)

NELSON

Eu sei que o commendador é um dos brasileiros que mais têm viajado... sei que na sua mocidade, que o senhor é o primeiro a classificar de tempestuosa, teve um numero consideravel de aventuras galantes, e é tido como um oraculo em questões de amor. Sei tambem que muitos rapazes inexperientes recorreram aos seus conselhos, e taes e tão discretos foram estes, que elles alcançaram tudo quanto pretendiam. Pois bem ; fiado na velha amizade que o ligou a meu pae, e na bondade com que sempre me tratou, quero tambem eu consultal-o sobre um caso melindroso.

FREDERICO

Um caso de amor ?

NELSON

Sim, um caso de amor.

FREDERICO

Exagerou quem lhe disse que sou um oraculo. Alguma experiencia, isso tenho, porque toda a minha vida rescende a « odor di femina ». As mulheres me custaram muito para que não me deixassem, pelo menos, o orgulho e a consolação de as ficar conhecendo . . . Entretanto, não foram ellas, foi esse grande psychologo, Balzac, quem fez de mim, em questões de amor, não um oraculo, mas um conselheiro modesto embora avisado. Exponha-me o seu caso.

NELSON

Mas de ante mão perdôe a massada.

FREDERICO

Não é massada. Estes assumptos para mim têm mais interesse que a navegação aerea e a telegraphia sem fios.

NELSON

Então um charutinho, para me ouvir com mais paciencia. (*Offerece-lhe a caixa de charutos.*)

FREDERICO, *tirando um charuto.*

Aceito, mesmo porque sei que só fuma havanos.

NELSON

Sabe ?

FREDERICO

Pelo seu creado.

NELSON

Ah ! *Accendem os charutos e fumam.*)

FREDERICO

Vamos lá.

NELSON

Ha tres annos sou o amante de uma se-
nhora viuva, distincta, bem educada. Quero aca-
bar com essa ligação. Que devo fazer ?

HELENA, *aparte.*

Oh!

FREDERICO

E' a primeira vez que sou consultado neste
sentido. Ordinariamente recorrem á minha ex-

perencia os que desejam, não acabar, mas principiar. — E' indispensavel, antes de mais nada, conhecer o motivo que o desgostou. Tem ciumes della ?

NELSON

Ciumes ? Oh ! se a conhecesse ! E' um modelo de meiguice, fidelidade e constancia.

FREDERICO

Existe alguma particularidade que o afaste desse modelo ? . . . quero dizer : alguma enfermidade . . . algum defeito physico . . . por exemplo : o mão halito ?

NELSON

Por amor de Deus ! E' uma mulher sadia, limpa, cheirosa !

FREDERICO

Então é feia ?

NELSON

Feia ? Uma das caras mais bonitas do Rio de Janeiro !

FREDERICO

Tem mão genio ?

NELSON

Uma pombinha sem fél.

FREDERICO

Então é tola, vaidosa, presumida, affectada, sneirona ? . . .

NELSON, *interrompendo-o*

Nada disse. E' uma mulher de espirito e, como já lhe disse, perfeitamente educada.

FREDERICO

E' devota? Anda mettida nas egrejas? Passa horas esquecidas a resar diante de um oratorio?

NELSON

Apenas vae ouvir missa aos domingos.

FREDERICO

Talvez abuse do piano, ou cante desafinado...

NELSON

Não canta. Toca piano mas não abusa. Digo-lhe mais: é uma bôa interprete de Chopin.

FREDERICO

O senhor gosta de outra mulher?

NELSON

Juro-lhe que não.

FREDERICO

Bom. Já sei o que isso é. O meu amigo aborreceu-se della, porque não lhe descobriu defeitos. E' bôa de mais.

NELSON

Quem sabe?

HELENA, *aparte*.

Oh!

NELSON

O caso é que esta ligação já durou mais tempo do que devia. Urge acabar com ella. A viuva tem uma filhinha que ainda está na idade em

que se olha sem ver, mas a menina cresce a olhos vistos, e é conveniente fazer com que mais tarde não obrigue a mãe a corar.

FREDERICO

Isso agora é um pouco de hypocrisia. Que lhe importaria a filha se o senhor gostasse devéras da mãe? O amor não conhece escrupulos nem conveniencias.

NELSON

Demais, sou moço . . . tenho um grande horizonte diante de mim . . . enceto agora a minha carreira de advogado . . . Esta ligação póde prejudicar seriamente o meu futuro.

FREDERICO

Vá por ahi. O que o inquieta é o seu futuro, e não o da menina. Mas diga-me: tem certeza, certeza absoluta de que essa mulher possui todas as perfeições?

NELSON

Se não é a mais perfeita, é a menos imperfeita que ainda conheci.

FREDERICO

Cuidado, meu amigo! Muitas vezes tem a gente certeza de uma coisa, e a coisa é outra, muito diversa. Por exemplo: este charuto, que o senhor pagou como sendo de Havana, é um rio-grandense que não troco pelo peor dos meus bahianos. (*Levanta-se e vae atirar o charuto pela janella.*)

NELSON, *erguendo-se.*

Pois olhe, paguei-o bem caro.

FREDERICO

E as mulheres enganam mais facilmente que os charutos.

NELSON

Affirmo-lhe que a mulher de quem se trata é excepcional.

FREDERICO

E o senhor quer se ver livre della?

NELSON

Quero!

FREDERICO

E a sua resolução é inabalavel?

NELSON

Inabalavel.

FREDERICO

Que exquisitice! Emfim, só ha um meio de conseguir o que deseja... um meio violento, mas unico.

NELSON

Qual?

FREDERICO

Suma-se! Desappareça!

NELSON

Ella irá procurar-me onde quer que eu vá.

FREDERICO

Bôa duvida; mas faça-se invisivel, metta-se no matto e volte ao cabo de oito dias. Natural-

mente ella apparece e pergunta em termos asperos, ou sentidos, o motivo do seu procedimento. Muna-se então de um pouco de coragem, e responde o seguinte: «A' vista de um factó que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de commum entre nós. Não me peça explicações: metta a mão na consciencia, e meça a extensão do meu resentimento.»

NELSON

E se ella apparecer antes que eu desapareça? Ha quatro dias não a procuro. Espero que de um momento para outro surja por ahi. Admira-me até que ainda não tivesse vindo.

FREDERICO

Ella não lhe escreveu?

NELSON

Não ha nada neste mundo que a obrigue a escrever uma carta nem mesmo um simples bilhete ao seu amante. E' um systema que adoptou e ao qual não cede haja o que houver.

FREDERICO

Decididamente essa mulher é uma phenix. Eu, no seu caso, mettia-a n'uma redoma.

NELSON

Mas diga-me . . . se ella apparecer?

FREDERICO

Atire-lhe a tal phrase: «A' vista de um factó...»

NELSON, *interrompendo-o.*

Mas que facto ? Pois não lhe disse já que ella é um modelo de fidelidade ?

FREDERICO, *sorrindo.*

Meu joven amigo, devo parecer-lhe implacavel para com o bello sexo ; mas creia : não ha mulher, por mais virtuosa, por mais amante, que não tenha alguma coisa de que a accuse a consciencia. A sua bella viuva, em que peze ás apparencias, não deve, não póde escapar á lei commum. Desde que o senhor se refira positivamente, categoricamente a um facto, embora não declare que facto seja, ella ficará persuadida de que o seu amante veio ao conhecimento de alguma coisa que se passou, e a pobresinha julgava encoberta no véo de impenetravel mysterio.

NELSON

Mas quando mesmo ella tenha algum peccadilho na consciencia (juro-lhe que o não tem), com certeza protestará energicamente e exigirá que eu ponha os pontos nos ii ; ha de querer que eu declare a que facto alludo, e . . vamos e venhamos ! como accusal-a sem consentir que ella se defenda ?

FREDERICO

Ah ! meu doutor ! se pretende applicar razões juridicas ao caso, está bem arranjado ! A jurisprudencia do amor é absurda. Accuse, retire-se, e não entre em explicações. Afianço-lhe que o

exito é seguro, tanto mais — perdôe-me este pequenino ataque ao seu amor proprio. . . — tanto mais que receio seja ella tão innocente como os seus charutos são de Havana. *Indo buscar o chapéo e a bengala.* E com esta, adeus! Siga o meu conselho e dê-me noticias suas. (*Estende a mão.*)

NELSON, *apertando-lh'a.*

Adeus, commendador, e muito obrigado. Vou acompanhal-o até a escada.

FREDERICO

Por quem é, não se incommode!

NELSON

Ora essa é bôa! (*Saem ambos pela porta do fundo.*)

HELENA, *vindo á scena.*

Agora nós! . . . E' preciso que elle não me veja. . . Quero mostrar a estes senhores que eu tambem li a *Comedia Humana*. (*Esconde-se atraz de uma das portas do fundo.*)

NELSON, *no corredor.*

Adeus, commendador, e ainda uma vez obrigado! (*Volta sem ver Helena, e esta sae rapidamente pela porta do fundo.*)

SCENA V

NELSON, depois JOSE'

NELSON

«A vista de um factó que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de commum

entre nós! Não me peça explicações: metta a mão na consciencia e meça a extensão do meu resentimento!» Assim, sozinho, sem ella diante de mim, é facil; mas dizer coisas destas a uma senhora de quem não se suspeita... Mas, se realmente?... Qual! Póde lá ser! Decididamente ha de faltar-me o animo. (*Com uma ideia.*) Se eu lhe escrevesse? o effeito seria o mesmo. (*Senta-se á mesa, dispondo-se para escrever e toca um tympano. Molha a penna, prepara o papel, etc. Entra José.*)

NELSON

Ninguem me procurou enquanto estive fôra?

JOSÉ, *depois de lançar uma olhadela á porta do quarto.*

Ninguem.

NELSON

Feché aquella porta. (*Aponta para o fundo.*)

JOSÉ, *depois de fechar a porta, reparando no pacote que o commendador deixou ficar.*

Oh! o s'or commendador deixou ficar aqui os charutos!

NELSON

Como sabe que são charutos?

JOSÉ

Elle disse-me.

NELSON

Conhecem-se?

JOSÉ

Pois se foi elle quem me trouxe de Lisbôa.

NELSON

E' um bom typo.

JOSÉ

Magnifico.

NELSON

E atirado ás mulheres, hein ?

JOSÉ

Faziam delle gato-sapato.

NELSON

Devéras ?

JOSÉ

E foi uma dellas que o fez commendador.

NELSON

Como assim ?

JOSÉ

Foi a condição que impoz aos seus favores. Parece-me estar ainda a ouvil-a: «Meu Frederiquinho, emquanto não fôres commendador não serei tua!» D'ahi a quinze dias elle tinha a commenda de Christo.

NELSON

Bom. Basta de dar á lingua. Veja se o apanha no largo da Carioca. Provavelmente foi tomar o bonde da Gavea. Esses charutos devem fazer-lhe falta.

JOSÉ

E' já. (*Vae abrir a porta do fundo.*)

NELSON

Por ahi não. Vá pela porta da sala de jantar.
(*José sae pela direita 2.^a plano.*)

SCENA VI

NELSON, depois HELENA

NELSON, *tomando a penna e escrevendo.*

«Minha senhora, á vista de um facto... (*Toque de campainha.*) Deve ser o commendador que vem buscar os charutos... E eu que lh'os mandei levar! (*Levanta-se e vae abrir a porta. Entra Helena.*) Helena!

HELENA, *com impeto.*

Meu Nelson, meu, amor, que quer isto dizer? Ha quatro dias não me appareces! E' a primeira vez, em tres annos, que a tua ausencia foi tão prolongada!... Dize... que tens tu?... que te fiz eu?... porque me recebes com tanta frieza?... que se passou?... disseram-te mal de mim?... fui victima de alguma intriga?... porque te calas?... porque me repeles?... Já me não amas? Dize! (*Pausa.*) Este silencio... (*Com um grito.*) Ah! Tudo adivinho! amas outra!..

NELSON, *com um grande esforço.*

A' vista de um facto que chegou ao meu conhecimento, nada mais pôde haver de commum entre nós.

HELENA

Que facto ?

NELSON

Não me peça explicações.

HELENA

Tenho, me parece, o direito não de pedil-as, mas de exigil-as.

NELSON

Metta a mão na consciencia, e meça a extensão do meu resentimento. (*Afasta-se.*)

HELENA

Estou perdida! O miseravel não guardou segredo! (*Cae sentada numa cadeira e cobre o rosto com as mãos.*)

NELSON, *com um sobresalto.*

O miseravel?! Que miseravel?!

HELENA

Bem sabes quem é, pois vejo que nada ignoras. (*Erguendo-se.*) Tens razão, Nelson: nada mais póde haver de commum entre nós. Aprecio e respeito a delicadeza dos teus sentimentos. (*Dirige-se para a porta do fundo.*)

NELSON

Ouve, Helena!

HELENA

Nada mais quero ouvir. Peço-te, como um ultimo favor, que me não insultes. Eu estava na doce persuasão de que tudo ignorarias, de que jamais virias ao conhecimento de uma fraqueza

que tão desgraçada me faz, porque cava um abysmo entre nós. Vejo que o infame foi indiscreto e fez chegar aos teus ouvidos a noticia de uma vergonhosa aventura a que fui arrastada n'um momento de desvario, e da qual me arrependi amargamente. Que fatalidade! (*Finge que chora e soluça.*) Oh! eu devia ter adivinhado que tudo sabias!... A tua ausencia foi significativa, e eu, louca, na supposição estúpida de que poderia esconder a minha ignominia! (*Com um soluço.*) Adeus!

NELSON

Mas vem cá... quero saber...

HELENA

Saber o que, se tudo sabes? Que resultaria de qualquer explicação entre os dous? O teu perdão?... Oh, não! não me perdões, Nelson, porque o teu perdão deporia contra o teu character de homem de bem! (*Com outro soluço.*) Adeus! (*Encaminha-se para a porta.*)

NELSON, *tomando lhe a passagem.*

Já te disse que quero saber.

HELENA

Se alguma coisa queres saber que não saibas, sabe que foi a tua frieza, o teu despreendimento, o pouco caso com que afinal começaste a tratar-me, que me determinaram a dar o máo passo que dei, e que tantas lagrimas me vae custar. Tu nunca me comprehendeste... nunca estimaste o

incomparavel thezouro que havia aqui. (*Bate no peito.*)

NELSON, *enfurecido.*

Então era certo? Pertenceste a outro homem?

HELENA, *com doçura.*

Se já tão fria, tão tranquillamente m'ò disseste, porque o repetes agora com tanta vehemencia? Não fiquemos irritados um contra o outro... separemo-nos como dous bons amigos . . . com um aperto de mão. (*Emquanto lhe aperta a mão.*) Adeus! Lembra-te sempre da infeliz Helena, que te ama ainda como sempre te amou, mas não procures nunca mais tornar a vel-a: não é digna de ti. (*Aproximando-se mais de Nelson sem lhe largar a mão.*) Se algum dia te recordares, com pena, da nossa ventura passada, console-te a certeza de que a minha vida vae ser de agora em diante um inferno de remorsos e saudades. Adeus para sempre!

NELSON, *enlaçando-a.*

Não! não sahirás d'aqui sem me dizeres o nome desse homem!

HELENN, *tranquillamente.*

Pois se o sabes...

NELSON, *furioso.*

Não sei! Queria experimentar-te... e não imaginava...

HELENA, *fugindo-lhe dos braços.*

Experimentar-me ! Não compreendo ! Se de nada sabias, como e porque me lançaste em rosto a minha culpa ? E culpa foi ? pergunto agora. Tens accaso mais direito sobre mim que qualquer outro homem ? Não sou eu livre como os passaros ? Não recusei a mão de esposo que me offereceste ? Sabes tu se nesse homem encontrei mais solicitude, mais carinho, mais amor do que em ti ? Quem é aqui o credor ? Que me deste em troca de quanto te dei ? Por ti segreguei-me da sociedade, sacrifiquei o futuro de minha filha, enterrei a minha mocidade, porque imaginei que o teu amor compensasse tudo isso ! Qual foi a compensação ? Esse ardil infame de inventar um homem ! Pois bem, Nelson, esse homem existe e nunca saberás quem é ! Adeus !

NELSON, *agarrando-a.*

Helena ! Helena ! diz-me o nome do teu amante !

HELENA

Cala-te ! Não desças mais !

NELSON, *frenetico e apaixonado.*

Desço ! desço ! quero descer, descer muito, com tanto que te encontre lá embaixo !... Faze de mim o juizo que quizeres... despreza-me como ao mais abjecto dos homens... mas essa terrivel confissão fez com que o meu amor extincto des-

pertasse mais violento, mais impetuoso que nunca!

HELENA, *tentando desvencilhar-se dos braços de Nelson.*

Deixa-me! deixa-me.

NELSON

Ao meu amor faltou isto — o ciume! Eu amo-te! Amo-te mais do que te amei, porque nunca me pareceste mais bella, nunca me sedusiste assim!

HELENA

Não! Deixa-me! Não sou digna de ti!

NELSON

Cala-te, meu amor, minha amante, minha doce Helena! Perdôo-te! Amo-te! Adoro-te!

HELENA

Se realmente me amas, se me adoras, então és tu que não és digno de mim! (*Desprende-se dos braços d'elle e corre para a porta do fundo.*)

NELSON, *indo buscal-a.*

Vem cá... Ouve... Não sou eu que te perdôo... és tu que me perdôas a mim, porque tens razão: o indigno sou eu. (*Helena finge que chora.*) Não chores... senta-te aqui... ao pé de mim... e conversemos tranquillamente. (*Fal-a sentar-se na poltrona e senta-se n'uma cadeira.*)

HELENA, *enxugando as lagrimas fingidas.*

Nada disto succederia se nos tivéssemos casado.

NELSON

Tu não quizeste . . .

HELENA

Se eu fosse tua mulher não te enganaria . . .

NELSON

Ainda estás em tempo de o ser

HELENA

Oh! Nelson!

NELSON

Amo-te! Amas-me! Que nos importa o resto?

HELENA

Não, tu não me podes amar como outr'ora . . .

NELSON

Amo-te com mais paixão, com mais fogo! (*Enche-a de beijos; entra José e cobre os olhos com as mãos.*)

SCENA VII

NELSON, HELENA. JOSE' que logo sae.

JOSÉ

Ah!

NELSON e HELENA

Ah!

NELSON, *erguendo-se.*

Que é? Tire a mão dos olhos!

JOSÉ

Não encontrei o commendador no largo da Carioca. Voltei com os charutos.

NELSON

Pois guarde-os lá dentro. Logo á tardinha irá leval-os á Gavea.

JOSÉ, *a parte,*

Um passeio á Gavea! oh! beatitude!... (*Sae pela direita, 2º plano. Nelson volta a sentar-se onde estava ao lado de Helena.*)

HELENA

Queres então que eu seja tua mulher?

NELSON

Esse é o unico meio de sermos felizes; essa é a maior prova de amor que podemos dar um ao outro.

HELENA

Imponho apenas uma condição.

NELSON

Dize.

HELENA

Jama's e sob pretexto algum me pedirás explicações sobre o passado... nenhum nome procurarás saber...

NELSON

Persistes então em me occultar...

HELENA, *erguendo-se.*

Persisto.

NELSON, *erguendo-se.*

Seja !

SCENA VIII

NELSON, HELENA. FREDERICO

FREDERICO, *entrando.*

Com licença. Deixei ficar aqui os meus charutos. (*Vendo Helena, sorprezo.*) Oh! a senhora D. Helena aqui!

NELSON

Conhecem-se?

HELENA

Ha muitos annos... o senhor commendador foi muito amigo de meu pae.

NELSON

E tambem do meu. Que coincidencia!

FREDERICO

Coincidencia porque?

NELSON

Porque somos noivos.

FREDERICO

Noivos?

HELENA

Acabámos de ajustar o nosso casamento.

FREDERICO

Parabens, muito parabens... Mas os meus charutos? Tenho um bonde d'aqui a meia hora.

NELSON

Vou buscal-os. Estão com o creado. (*Sac pela direita 2.º plano.*)

SCENA IX

HELENA, FREDERICO, depois NELSON e JOSE'

HELENA

Ahi está em que deram os seus conselhos, senhor oraculo!

FREDERICO

Os meus conselhos?

HELENA

Eu sou a phenix, a mulher ideal de quem elle se queria ver livre, e ouvi tudo d'ali, onde estava escondida. Creia, não obstante a sua implacabilidade para com as pobres mulheres, que nunca tive outro amante... mas disse-lhe o contrario... confessei-lhe uma culpa que não tinha, porque só assim poderia reconquistal-o.

FREDERICO

Mas agora que o casamento está tratado, é preciso dissuadir o pobre rapaz.

HELENA

Mais tarde, ou talvez nunca. Esse homem, que elle não sabe quem é... essa aventura mysteriosa... essa ignobil mentira é a garantia da minha felicidade. Enquanto elle suppozer que não fui d'elle só, será só meu.

FREDERICO

Que mulher! Aquelle idiota não a merece!

HELENA

Merece... Hei de provar-o. Tenho a minha idéa.

FREDERICO, *aparte*.

Hum!

NELSON, *voltando com o pacote e acompanhado por José*.

Commendador, aqui tem os seus bahianos.

FREDERICO

Obrigado. (*Apertando a mão a Nelson*.) Meu amigo, renovo os meus parabens, e, uma vez que se vae casar, recommendo-lhe que leia a *Physiologia do casamento*.

HELENA

De Balzac?

FRE' ERICO

De Balzac, sim. E' uma phantasia licenciosa, mas genial, que corre mundo desde 1829. Minha senhora... (*Aperta a mão a Helena*.)

JOSÉ, *aparte*.

Elle casa-se!... Adeus beatitude!...

41

4514

Edições Theatraes

DESTA

LIVRARIA

O DOTE — *comedia em tres actos por*
ARTHUR AZEVEDO. — *1 volume com*
o retrato do autor 2\$000

O CANDIDATO — *comedia em 1 acto*
por BRAZ PATIFE 1\$000

ATRAVÉS DO THEATRO BRASI-
LEIRO — *cuidada resenha de peças*
e autores brasileiros, organizada pelo
Dr. A. C. CHICHORRO DA GAMA —
1 volume 2\$000

O THEATRO — *revista semanal illus-*
trada, a unica no genero que se pu-
blica em todo o Brasil.

Assignatura: Anno 10\$000, Semestre 6\$000